

DO RIO DE JANEIRO A SALVADOR: UM ESTUDO COMPARADO DO FUTEBOLCoriolano Pereira da Rocha Junior¹**RESUMO**

Este estudo aborda o futebol nas cidades do Rio de Janeiro e de Salvador, entre fins do século XIX e início do século XX. Seu objetivo é analisar comparativamente formas e sentidos de sua chegada, bem como sua trajetória, construção e solidificação como prática social. Entendemos que nessas localidades, o futebol, teve trajetória semelhante, iniciando-se na elite, como uma prática de valores "modernos", mas que ao mesmo tempo ganhou popularidade entre outros estratos sociais, tendo os clubes se constituído da mesma forma nestas duas esferas. Tanto no Rio de Janeiro, quanto em Salvador, o futebol, teve sua trajetória em conjunto com o processo de tentar incluir as cidades na modernidade.

Palavras-chave: Futebol. Rio de Janeiro. Salvador. Modernidade.

ABSTRACT

From Rio De Janeiro to Salvador: a comparative study of football

This study deals with football in the cities of Rio de Janeiro and Salvador, between the late 19th and early 20th century. Its purpose is to comparatively analyze forms and senses of its arrival, as well as its trajectory, construction and solidification as social practice. We understand that in these localities, football, had a similar trajectory, beginning in the elite, as a practice of "modern" values, but at the same time gained popularity among other social strata, having the same clubs formed in these two spheres. Both in Rio de Janeiro and in Salvador, football, had its trajectory in conjunction with the process of trying to include cities in modernity.

Key words: Football. Rio de Janeiro. Salvador. Modernity.

E-mail do autor:
coriolanojunior@uol.com.br

Endereço para correspondência:
Rua Alagoinhas, 489/504^a.
Rio Vermelho, Salvador-BA.
CEP: 41.940-620.

1-Universidade Federal da Bahia (UFBA),
Salvador-BA, Brasil.

INTRODUÇÃO

O futebol surge como foco central de estudo, por entendermos que é a modalidade esportiva que mais ganha projeção numa sociedade como a brasileira fornecendo-nos vasto campo de análise. Para Foer (2005, p.9) o futebol é algo que “frequentemente provoca um sentimento mais profundo que a religião e, tal como está, é uma parte do tecido comunitário, um repositório de tradições”.

O futebol, como nos demonstra Giulianotti (2002), é uma das maiores instituições culturais, sendo capaz de agir na construção e fortificação de identidades nacionais mundo afora. Em associação aos seus meios de difusão de informações, o futebol contribui com os processos de socialização de valores, sentimentos e atitudes, agindo nos mecanismos de localização e identificação de indivíduos e grupos numa determinada conjuntura sociocultural.

Num olhar mais geral sobre o futebol, Salvador (2005, p.5) nos apresenta a impressão de que no Brasil este esporte acaba agindo como uma instituição social que atua reforçando “os elos de pertencimento, afirmando nossas virtudes e valores, expressos no corpo de nossos jogadores.” Na mesma dimensão, Byington (1982, p.21) diz que o futebol só “faz vibrar a alma individual e cultural de um povo na medida em que contém os símbolos que expressam e nutrem a vida psíquica deste povo”.

Ao entender que o futebol pode significar uma representação da cultura nacional, DaMatta (1982, p. 22) fala que “O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir”.

A partir desta análise inicial, apontamos que este texto tem por objetivo identificar as formas e sentidos do futebol no Rio de Janeiro e em Salvador, buscando estabelecer uma análise comparativa de como se deu sua construção como uma prática cultural de relevância, analisando a trajetória da participação desse esporte na constituição dessas duas cidades.

MATERIAIS E MÉTODOS

Tomando por base a relevância social do futebol, Rocha Junior e Santo (2011)

afirmam que “podemos pensar na constituição de um campo de estudos ao seu redor, sendo a história um dos meios para estudá-lo... (p.80)”.

Sendo assim, neste estudo utilizamos como método de pesquisa a história comparada, por ela apresentar a possibilidade de “estabelecer o estranhamento, a diversificação, a pluralização e a singularidade daquilo que parecia empiricamente diferente ou semelhante, posto pelo *habitus* e reproduzido pelo senso comum” (Theml e Bustamante, 2007, p.15).

Neste texto o recorte temporal compreende o período entre fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, época de instalação e afirmação do futebol nas cidades. Para o alcance do objetivo e trato do objeto, utilizamos como fontes¹ para investigar o caso de Salvador, jornais de circulação diária e também revistas.

Por entendermos que sobre o Rio de Janeiro já existe uma produção considerável acerca do tema, optamos por trabalhar com estas obras. Sobre Salvador, que não possui tanta produção sobre o tema estudado, privilegiamos as fontes jornalísticas. Dessa forma, foi possível realizar uma análise comparada entre o que a literatura que trata o Rio de Janeiro apresenta e o que construímos a partir das fontes sobre Salvador.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao analisarmos o futebol nas duas cidades estudadas, para além de identificar responsáveis pela chegada do futebol nelas, interessa-nos compreender como ele passou a circular no seu cotidiano urbano. Nossa intenção é analisar como o futebol, de uma prática que a princípio se queria restrita a uma parcela da população, passou a habitar o cotidiano das pessoas. Da mesma forma, queremos entender como se deu sua apreensão pela população e as adesões e resistências a sua prática. Dessa forma, entendemos ser possível compreender o futebol e as próprias cidades.

Muito se fala que Oscar Cox e Zuza Ferreira foram os responsáveis pela chegada do futebol no Rio de Janeiro e em Salvador. Sobre o Rio de Janeiro, Enders (2009), mostra

¹O levantamento foi feito nos seguintes espaços: Biblioteca Pública do Estado da Bahia, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Fundação Clemente Mariani e Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro).

que “em 1897, Oscar Cox retorna ao Rio depois de completar seus estudos na Suíça. Na bagagem traz uma bola e as regras do futebol, que logo conhece sucesso fulgurante” (p. 220).

Leal (2002, p. 180) ao comentar sobre Salvador fala o seguinte:

na Salvador, os rapazes desejavam participar aquela modalidade de esportes, quando chegou à cidade do Salvador, o estudante José Ferreira, de alcunha Zuza, que tinha concluído seu curso na Inglaterra e viria para empregar-se no Bank of London, nesta capital. Sabia ele que em Salvador os esportes existentes eram críquet, no Campo Grande, praticado pelos ingleses e as corridas de cavalo no Ground do Rio Vermelho e da Boa Viagem.

Santos Neto (2002) relata a importância que tiveram na instalação da prática do futebol no país, os ex-alunos do Colégio São Luís (Itu-SP), que ao saírem da escola e se espalharem pelo Brasil, carregaram consigo essa experiência esportiva, colaborando para divulgá-la. Segundo o autor, “Mário César Gonzaga levou a tradição do futebol de Itu para o Nordeste, especialmente para a Faculdade de Medicina de Salvador-BA, onde, junto com José Ferreira Júnior, foi um dos pioneiros do futebol baiano” (p.24-25).

Como em outras cidades brasileiras, entre cariocas e soteropolitanos, o futebol se organizou a partir de pessoas que de alguma forma já tinham tido contato com sua prática, fora ou dentro do país e que queriam dar continuidade a ela, precisando para isso dinamizar essa experiência em suas cidades.

Figuras como Cox e Zuza contribuíram para a sistematização do futebol. Entretanto, é difícil atribuir a eles, isoladamente, o “nascimento” do futebol no Rio de Janeiro e em Salvador, que foi resultado de um complexo processo de desenvolvimento, com realidades específicas em cada uma das cidades.

Nesse mesmo sentido, Franco Junior aponta que

... estabelecer paternidades quase heroicas e datas oficiais não esclarece as relações entre o futebol e a sociedade brasileira. Pelo contrário, suas significações mais profundas residem no processo de apropriação pelos diversos setores sociais que o transformaram num fenômeno de massas (2007, p. 62).

Sem negar a importância desses homens na sistematização do futebol, nas cidades estudadas, já se sabe que esse esporte, antes desse processo inicial de organização, existia no país como uma prática educacional. Sobre isso, concordam Santos Neto (2002) e Melo (2000). Segundo este último,

no Brasil, desde os tempos da Colônia, existiam colégios jesuítas, e foi provavelmente através deles que chegaram as primeiras bolas de futebol e se realizaram os primeiros jogos. Como dissemos, ainda não havia clubes, campeonatos e entidades, mas o esporte praticado já era o futebol moderno segundo o modelo inglês (p. 19).

Na sua fase inicial, que se deu em períodos bem próximos, o futebol praticado em ambas as cidades estudadas foi um

palco de afirmação de modismos e hábitos europeus, os estádios serviam para essa juventude endinheirada como um espaço de celebração de seu cosmopolitismo e refinamento, em um processo que ia imprimindo ao futebol por eles praticado a marca da modernidade (Pereira, 2000, p. 31).

Assim, vemos que o futebol possuiu estreita correspondência com o ideário da modernidade, no caso do Rio de Janeiro, ou ao menos a aspiração por este em Salvador.

Kumar (1996) numa definição de modernidade, afirma que esta

extrai seu significado tanto do que nega como do que afirma. [...] a modernidade sente que o passado não tem lições para ela; seu impulso é constantemente em direção ao futuro. Ao contrário de outras sociedades, a sociedade moderna recebe bem e promove a novidade. É possível dizer que ela inventou a “tradição do novo” (p. 473).

Baudelaire (2007), numa compreensão complementar a essa, assevera que “... modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente... (p. 26)”. Nessa afirmação fica latente o valor da experiência, de que a modernidade é antes de tudo vivida e como tal ganha sentidos diferentes para aqueles que a experimentam. Essa experiência, dentre outras coisas, assume significados diversos em função das expectativas e anseios em relação a ela e mais, do que se pode vivenciar daquilo por ela apresentado.

Também Berman (2007) dá a modernidade esse sentido de experiência, afirmando que “ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição...” (p.21).

Gunning (2004, p.33) é ainda mais explícito, asseverando que:

por modernidade refiro-me menos a um período histórico demarcado do que a uma mudança na experiência. Essa nova configuração da experiência foi formada por um grande número de fatores, que dependeram claramente da mudança demarcada pela Revolução Industrial.

Um aspecto fundamental da experiência moderna é sua ambiguidade. As vivências tornam-se repletas de incongruências, gerando sensações simultâneas de ganhos e perdas, sentimentos de apoio e de revolta, adesão ao que é novo e abandono do dito “velho”.

Nessa linha de pensamento, que associa o futebol a experiência da modernidade, DaMatta afirma que o

... futebol foi introduzido no Brasil sob o signo iniludível do novo, pois, muito mais do que um simples “jogo”, ele constava da lista de coisas civilizadas e moderníssimas a serem adotadas pela sociedade brasileira, uma sociedade vista por suas elites como atrasada e, com a Proclamação da República, em alvoroço para recuperar o tempo perdido. Além disso, esse jogo de bola era algo relativamente desconhecido, mas que chegava do maior império colonial do mundo, da prestigiosa Inglaterra – no bojo de uma novidade chamada “esporte” (2006, p. 136).

Franzini (2003), da mesma forma escreveu que

... quando o futebol se efetivou no Brasil, em meados da década de 1890, graças aos pés de jovens filhos da elite educados na Europa ou dos ingleses que aqui vieram trabalhar e residir, esse esporte encontrou [...] um ambiente de esportivização do cotidiano propícios ao seu pleno desenvolvimento. Ademais, seu potencial integrador enquanto jogo de equipe, as intensas emoções que despertava e a facilidade com que podia ser improvisado mesmo sob as condições mais adversas fizeram-no ultrapassar sem demora os limites dos seletos *clubs* e colégios onde se instalara inicialmente para se alastrar por redutos urbanos menos nobres, como fábricas, várzeas e subúrbios (p. 18).

Ao apontarmos os primórdios do futebol, mais do que identificar responsáveis

por sua chegada ao Rio de Janeiro e a Salvador, interessa-nos, compreender como ele passou a figurar no cotidiano e como, de uma prática a princípio restrita, passou a estar nos hábitos das pessoas, de todos os estratos da sociedade.

No Brasil, assim como na Europa, o futebol não demorou a atrair o interesse da população e daí se tornar uma das práticas mais populares foi um passo. Sobre isso, Melo (2007a, p. 74) comenta o seguinte:

enquanto outros esportes exigiam espaços e equipamentos custosos, para a prática do futebol bastava um terreno vazio, traves e bolas improvisadas. A prática, aliás, era bem adequada ao gosto popular, com sua necessidade de coletividade, com suas possibilidades de improvisação, bem como por certa permissividade simbólica de uma violência controlada, próxima a algumas manifestações populares...

Percebemos no movimento de entrada do futebol no Brasil, uma das características da modernidade, a ambiguidade. O futebol, ao mesmo tempo em que era símbolo de uma civilidade europeizada e, portanto, digno de ser praticado pela elite, era um esporte de fácil apropriação, passível de muitas adaptações, técnicas e linguísticas, sendo assim, pode ser facilmente incorporado pelas classes populares. Se o povo simples não podia jogar o futebol nobre, ao estilo original inglês, jogava o seu futebol moleque, de rua. Com isso, percebemos que foi através de um ambíguo processo de circularidade cultural, que essa prática, passou de um esporte a princípio das elites, para uma que se tornou popular.

Em seu caminhar, o futebol, que foi em seus tempos iniciais, uma prática “civilizada”, uma das representações dos modos e hábitos da elite, foi também, ao mesmo tempo, uma prática a ser combatida, uma prática “incivilizada”, quando jogado por populares. Se o futebol, em seu princípio, foi um modo de “educar” o povo com hábitos “civilizados”, foi também, logo adiante, apropriado e ressignificado pela população mais simples, passando a ser um dos seus interesses culturais e assim, praticado de formas mais espontâneas no Rio de Janeiro e em Salvador.

Isso se explica pelo fato do futebol, em seu início, ter existido nas altas camadas da elite brasileira e por assim dizer, representava seus pretensos “refinados” hábitos e modos que os distinguiam da população de baixa

renda. Assim, o futebol, era um dos modos de vivenciar a modernidade. Dessa forma, a prática futebolística das elites era bem vista e aceita, já que era uma “bela” atividade, de uma gente que incorporava toda uma ritualidade comportamental europeia.

Nesse aspecto, falando do Rio de Janeiro, Franzini (2009, p.118) mostra-nos que assim, também na capital da República o futebol deixava de ser um mero divertimento dos ingleses e de seus descendentes e ampliava o seu alcance, embora não deixasse de ser britânico em sua essência. O uniforme, o equipamento e o vocabulário específicos do jogo, todos importados da Inglaterra, das chuteiras ao grito de *goal*, eram, antes de tudo, marcas de distinção social, expressões do elitismo de seus cavalheiros praticantes.

Já em Salvador, essa aceitação do futebol como um esporte das elites, se vê em passagens de jornais como esta:

correu brilhante e animadamente a correcta diversão deste tão bemquisto divertimento que entre nós tanto acolhimento tem adquirido. Ao signal dado, os clubes Victória e São Paulo-Bahia principaram os renhidos ataques, tendo sempre, no primeiro tempo, o São Paulo Bahia se defendido heroicamente, no segundo tempo, porem, os lutadores do Victoria conseguiram fazer dos pontos, sendo vivamente aclamados...²

Em contrapartida a essa aceitação da prática de futebol, também encontramos notícias falando mal do esporte, quando esse se dava entre populares. Sobre essa resistência ao futebol, encontramos no *A Tarde*³ a seguinte nota:

moradores à Rua Ferreira França, ao Polytheama, estão inibidos de chegar as janelas das respectivas residências, porque garotos, de manhã a noite, jogam bola, com uma gritaria infernal, com gestos e palavras obscenas. Os guarda civis que ali fazem seu quarto de policiamento, não tem ouvidos para ouvir taes offensas a moral e nem energia para cohibilos ao jogo perene.

Também oferecendo certa resistência ao futebol, o *A Tarde*⁴, ao analisar o cenário esportivo baiano fazia a defesa de outras práticas, que eram por ele consideradas mais adequadas à cidade, criticando o extenso

apoio dado ao futebol, chamado de um esporte violento. Na mesma coluna, o jornal apontou um pretense fracasso do futebol e de outras práticas esportivas em Salvador, vendo nisso a própria falência da juventude local. Curioso é observar que esse mesmo jornal, em outras edições, começou a fazer elogios ao esporte, por considerá-lo uma prática refinada e assim, a população local ao ter interesse por ele, agia como outras cidades mais adiantadas, no caso, o Rio de Janeiro⁵.

O que se observa é que quando enquadrado nas normas de civilidade e disciplinarização, o esporte era aceito e benquisto, por expressar os sentidos e aspirações das elites cariocas e baianas, que se inspiravam nos modelos europeus sobre como se portar e vivenciar seu dia a dia. Todavia, esse mesmo futebol sofria resistências quando aparecia de forma “desordenada” nas cidades, sem atentar para os princípios da modernidade/civilidade, dentre eles, a regulação de comportamentos, sendo dessa forma, uma prática a ser combatida quando se dava entre populares.

Dentro desse processo ambíguo de aceitação e resistência, o futebol se desenvolveu nas cidades, passando a fazer parte do gosto dos populares. Pereira (2000) mostra que no Rio de Janeiro,

entre o interesse manifesto pela curiosidade de quem se espreme para assistir aos jogos e a tentativa de começar a praticá-lo em seus próprios espaços, não parecia haver um caminho muito longo. Jovens de famílias que não poderiam pagar mensalidades como aquelas cobradas pelos clubes esportivos da capital logo achariam, em outros espaços, incentivo e apoio para a prática do novo esporte. [...] Sem ater-se ao caráter nobre atribuído ao jogo por muitos de seus defensores, iam fazendo dele uma alternativa de lazer e um meio de diversão, que atraía um contingente cada vez maior de admiradores entre as classes trabalhadoras (p. 59).

Nesse processo de introdução e fixação do futebol na capital da República e em Salvador é também necessário falar da criação dos clubes, já que este fato expressa a forma com que se deu a “caminhada” do futebol nessas cidades.

No Rio de Janeiro, com o exponenciamento do esporte, vários clubes de futebol foram fundados. Destes alguns tinham se originado

² *Correio do Brasil*, 11/08/1903.

³ *A Tarde*, 08/12/1914.

⁴ *A Tarde*, 14/11/1912.

⁵ *A Tarde*, 30/09/1914.

para a prática do remo (Flamengo, Botafogo, Vasco da Gama); outros vinham das corridas a pé e ciclismo, como o América. Somando-se a esses, existiram aqueles que foram fundados para o futebol, caso do Fluminense e do Bangu.

Em sua análise sobre o futebol e os clubes em Salvador, Gama (1923) afirma que

foi o antigo campo da Pólvora, o cenário do primeiro jogo de *foot-ball* (*association*), levado a efeito por esforços e iniciativas de Arthur Moraes, Álvaro e Juvenal Tarquínio, Gleig, May e tantos outros amadores de tão lindo ramo de *sport*. Esses encontros, que se tornaram freqüentes, eram disputados por um *team* de brasileiros, contra um de ingleses, nos quaes os nossos players, desde logo, se revelaram excellentes, fazendo vencedores, na maioria dos jogos, as cores nacionais [...]. E de taes *matches*, foram surgindo muitos *clubs* de *foot ball* e uma liga foi fundada... (p. 319-320).

O primeiro clube de Salvador, o *Club de Cricket* Victoria foi criado em maio de 1899. Em 1901, passou a se chamar *Sport Club* Victoria, começando a praticar o futebol em 1902. Outro clube, fundado ainda em novembro de 1899 foi *Club* Internacional de *Cricket*, clube de ingleses e que logo passou a praticar o futebol. O *Sport Club* Bahiano (1903), originado de um grupo de comerciantes, foi o primeiro clube fundado exclusivamente para o futebol. O *Sport Club* São Paulo-Bahia (1903), clube de jovens paulistas, estudantes de medicina em Salvador, foi outro clube interessante.

Pensando a organização dos clubes de futebol no Brasil, Franco Júnior (2007) aponta duas tendências. A primeira consistia justamente na "... formação de equipes no interior dos grupos dominantes, orientada pelos valores do cavalheirismo, do *fairplay* e do amadorismo (p.62)". Já a segunda tendência é justamente aquela "onde as fronteiras sociais do futebol começaram a ser transpostas desde cedo com a formação de times improvisados pelos setores populares... (p.63)". Essas duas tendências podem ser identificadas tanto no Rio de Janeiro como em Salvador.

Numa análise sobre a constituição dos clubes nas duas cidades, percebemos que num primeiro momento, o da fase de "iniciação" do esporte, vários clubes foram criados e em sua maioria representavam a elite. Só mais adiante, com a ampliação do interesse pelo futebol é que começamos a

perceber a criação de clubes que também representavam a população de mais baixa renda, aquela que era marginalizada nos clubes já existentes e que era afastada das práticas formais de futebol, cabendo-lhes então jogar suas "peladas" e seus "babas" nos espaços livres das cidades.

Para Pereira (2000), os populares "tiravam das rodas esportivas elegantes da região central da cidade, com isso, o monopólio sobre o jogo – reelaborando, nos subúrbios e nos bairros mais pobres, a lógica que fazia dele um elemento diferenciador" (p. 57). Assim, o futebol deixava de ser apenas um modismo daqueles que queriam viver, tal e qual os ingleses e virava uma prática cultural que dialogou com as particularidades de cada cidade, o que fez com que tivesse ares diversos, por mais que suas raízes fossem as mesmas.

Outro importante fator de análise sobre o futebol são as formas com que seus espaços de prática foram constituídos.

Em Salvador, autores como Gama (1923) e Leal (2002) demonstram que o primeiro local escolhido para o jogo foi uma praça conhecida como Campo da Pólvora (Campo dos Martyres), por esta permitir condições mínimas de jogo em relação ao que eram suas exigências oficiais, não demorando para que outros espaços fossem usados, a exemplo de vários largos e praças⁶. Desses locais, o principal foi o Rio Vermelho, onde o futebol era praticado no mesmo espaço das corridas de cavalo, demonstrando que o esporte ainda não possuía um espaço específico, denotando isso sua característica de esporte ainda em fase de organização, condição que perdurou até 1920, quando foi inaugurado o Campo da Graça, este sim específico para o futebol. Sobre esses espaços, Gama nos mostra que

passou o *ground*, onde se disputavam os jogos, a ser no antigo prado do Rio Vermelho, onde o *foot-ball* teve os seus dias áureos com os encontros, dentre outros, entre o *Sport Club* Victoria (antigo *Club* de *Cricket* Victoria) e o *Club* de regatas S. Salvador, os quaes naquelle tempo, eram os *leaders* do *sport* (1923, p. 320).

No Rio de Janeiro seu deu o mesmo. Se o futebol dos nobres acontecia em campos

⁶ Outros campos foram: Ground de Brotas, Largo Santos Dumont, Largo do Barbalho, Cabula, Engenho da Conceição, Largo da Rua do Oiro, Campo do Dique, Campo da Boa Viagem e outros.

como o do Fluminense, vários outros espaços foram apropriados pela população mais pobre para praticá-lo, podendo ser adaptados, ou mesmo formais e tanto mais o interesse pelo jogo cresceu mais espaços surgiram.

Outra necessidade identificada para melhor organizar o futebol em Salvador, assim como no Rio de Janeiro, foi à fundação de uma entidade que pudesse melhor sistematizá-lo. Em Salvador, uma primeira experiência se deu quando o *Sport Club* São Paulo-Bahia, ao lado de outros clubes, fundou a primeira Liga da Bahia (15 de novembro de 1904). Sobre isso, os jornais⁷ disseram

Santos (2010) afirma que “formada a liga em 1905, são abertas as inscrições para o primeiro campeonato baiano. Além dos quatro clubes filiados, o São Salvador também ingressa em fevereiro” (p. 53). Essa liga organizou o futebol na Bahia e seu campeonato, que começou em 1905, seguindo com regularidade até 1912. Nesse período, essa liga sofreu críticas dos jornais que a ela atribuíam a “morte” dos outros esportes na Salvador, afirmando que ela se interessava apenas em cuidar do futebol e mesmo esse, acabou entrando em “esquecimento”. Dizia assim a matéria do *A Tarde*⁸:

a Liga, estava demasiadamente absorvida pelo extraordinário entusiasmo do *foot-ball* e, nos *clubs* não se cuidava senão d'esse jogo de inverno, dos climas frios. *Sports* terrestres e *foot-ball* eram *synonimos*. Com o tempo, o violento exercício foi decaindo e hoje, já quase esquecido, é sem entusiasmo que d'elle se fala

Mais à frente, em setembro de 1913, outra liga foi criada, a Liga Brasileira de *Sports* Terrestres. Dessa forma, organizar campeonatos, jogadores e os espaços já era vital, haja vista que esse esporte começava a alcançar outros praticantes que não apenas os bons moços da “elite” soteropolitana. Ele se alastrava pela cidade e chegava as várias camadas da população, aos vários bairros (mesmo que em campos improvisados).

Com isso, observamos a criação de diversas ligas e de diversos clubes de futebol em Salvador, caracterizando exatamente a “passagem” do futebol das elites para os populares. Essa popularização teve seu auge em 1912, quando o campeonato da Liga Bahiana passou por uma crise motivada pela já intensa e “deseducada” participação popular

nos jogos, fazendo com que as competições saíssem do “controle”, chegando ao limite da desistência da Liga Bahiana, a liga das elites, em organizar o campeonato. Por isso é que a Liga Brasileira, mais popular, fundada em 09/1913, seguiu com o futebol em Salvador e seu campeonato, no Campo dos Martyres, sem contar com a participação dos primeiros clubes, até que na década de 1920, houve um acordo e os clubes voltaram a participar do campeonato. Nesse período, a Liga Bahiana atuou só em amistosos e encontros festivos para a prática do futebol.

No Rio de Janeiro, o futebol, experimentou situações diversas. Nessa época, esse esporte se firmava como uma prática de elite, sendo jogado em clubes em que só participavam pessoas que comprovassem renda e pagassem as altas despesas e também não exercessem trabalhos que exigissem esforços, notabilizando a lógica do amadorismo elitista. Ao mesmo tempo, as camadas populares já estavam se “aventurando” no futebol, seja assistindo aos jogos das elites, seja criando seus clubes, “abrasileirando” a prática inglesa dos clubes tradicionais. Essa situação, assim como em Salvador, gerou problemas entre aqueles que queriam o futebol somente entre os da elite.

No Rio de Janeiro, a liga de futebol e seu campeonato oficial foram criados depois de Salvador. Ao tratar a questão das entidades esportivas de futebol, Pereira (2000) afirma que “se queriam preservar a marca fidalga que construíam para o esporte, seria preciso mais do que manter o nível de seus associados: era necessário tomar para si a primazia da prática do jogo na cidade, definindo suas regras e os grupos que poderiam praticá-lo” (p.63). Dessa forma, a Liga Metropolitana de Futebol foi criada em 1905 e o campeonato se iniciou em 1906. Ainda Pereira, assevera que

... a liga servia como um meio de definição mais clara do caráter que os *sportmen* dos clubes mais ricos da cidade tentavam dar ao jogo, prevenindo-se contra o movimento de difusão do futebol. Mesmo entre os clubes filiados, as hierarquizações e distinções já se faziam notar (2000, p.64).

Assim, depois de Salvador, o Rio de Janeiro viveu a experiência de através de uma instituição reguladora, manter padrões para o futebol, que fossem os mesmos exigidos nos clubes tradicionais, procurando com isso

⁷ *Jornal de Notícias*, 17/11/1904.

⁸ *A Tarde*, 14/11/1912.

manter afastadas do futebol as pessoas da classe trabalhadora, que por esse esporte se interessavam, todavia, isso se mostrou uma tarefa difícil naquela altura, pois,

mesmo conseguindo manter o perfil distinto de seus filiados, a Liga Metropolitana não teria, porém, como evitar que esses grupos excluídos de seus quadros continuassem a criar, de forma autônoma, as suas próprias associações. [...] Disseminados pela cidade, esses clubes não tardariam a criar outras ligas e campeonatos (Pereira, 2000, p. 69).

E assim, o Rio de Janeiro viu surgir em 1907 a Liga Suburbana de Futebol, uma liga que abraçou os clubes de periferia, os clubes que não tinham como ingressar na Liga Metropolitana, por não ter como atender as exigências criadas por essa, notadamente as financeiras e as sociais.

CONCLUSÃO

Ao analisarmos a trajetória percorrida pelo futebol em Salvador e no Rio de Janeiro vemos que ela não se deu de forma isolada e sim, articulada com projetos maiores das cidades.

Por mais que reconhecamos sua capacidade de autonomia em relação aos aspectos políticos e econômicos é evidente que esses tiveram influência sobre o futebol e sua organização. Parece-nos que nessas cidades, o futebol, percorreu caminhos semelhantes, mesmo que com diferenças de tempo, de estrutura e financeiras.

Dos primórdios do futebol como uma atividade de luxo das elites, associada aos princípios da modernidade até a “crise” ocasionada pela “tomada” popular desse esporte, Salvador e Rio de Janeiro tiveram caminhos semelhantes, o que nos faz afirmar que o esporte, como uma experiência vívida da modernidade, foi, nessas cidades, parte importante de compreensão desse processo.

REFERÊNCIAS

1-Baudelaire, C. Sobre a modernidade. 6ª edição. Paz e Terra. 2007.

2-Berman, M. Tudo o que é sólido desmancha no ar. São Paulo. Companhia das Letras. 2007.

3-Byington, C. A riqueza simbólica do futebol. Revista Psicologia atual. Vol. 5. Num. 25. p. 20-32.1982.

4-Damatta, R. (org.) A bola corre mais que os homens. Rio de Janeiro: Rocco. 2006.

5-Enders, A. A história do Rio de Janeiro. 2ª edição. Rio de Janeiro. Gryphus, 2009.

6-Foer, F. Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2005.

7-Franco Junior, H. A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

8-Franzini, F. Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). RJ. DP&A. 2003.

9-Gama, M. Como os “sports” se iniciaram e progrediram na Salvador. In: Diário oficial do Estado da Salvador, Edição Especial do Centenário. Salvador. s.e. 1923.

10-Giulianotti, R. Sociologia do futebol: Dimensões históricas e sócio-culturais do esporte e das multidões. São Paulo. Nova Alexandria. 2002.

11-Gunning, T. O retrato do corpo humano: a fotografia, os detetives e os primórdios do cinema. In: Charney, L.; Schwartz, V. R. (orgs.). O cinema e a invenção da vida moderna. 2ª edição. São Paulo. Cosac & Naify. 2004.

12-Kumar, K. Verbete Modernidade. In: Outhwaite, W.; Bottomore, T. Dicionário do pensamento social do século XX. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 1996.

13-Leal, G. C. Perfis urbanos da Salvador: os bondes, a demolição da Sé, o futebol e os gallegos. Salvador. Gráfica Santa Helena. 2002.

14-Melo, V. A. Futebol: que história é essa?! In: Carrano, P. C. R. Futebol: paixão e política. RJ. DP&A. 2000.

15-Melo, V. A. Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX. Campinas - São Paulo. Autores Associados. Decania do CCS-UFRJ. 2007.

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

16-Pereira, L. A. M. Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1935. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 2000.

17-Rocha Junior, C. P.; Santo, F. R. Futebol em Salvador: o início de uma história (1899-1920). Revista Movimento. Porto Alegre. Vol. 17. Num. 3. p. 79-95. 2011.

18-Salvador, M. A. S. A memória da copa de 1970: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro. PPGEF-UGF. 2005.

19-Santos, H. S. Uma caixinha de surpresas: Os primeiros anos do futebol em Salvador, 1901-1912. Monografia de Graduação em História. Departamento de Ciências Humanas e Filosofia. Colegiado de História. UEFS. Feira de Santana. 2010.

20-Santos Neto, J. M. Visão de jogo: primórdios do futebol no Brasil. São Paulo. Cosac & Naif. 2002.

21-Theml, N.; Bustamante, R. História comparada: olhares plurais. Revista de História Comparada. Vol. 1. Num. 1. p. 1-23. 2007.

Recebido para publicação em 01/08/2018

Aceito em 06/01/2019